

Os Compositores

31/01/99

Hoje enfrentamos a extraordinária figura de Joahannes Brahms que nasceu em Hamburg em 1833 e morreu em Viena em 1897, vinte anos mais novo , portanto, da grande geração romântica alemã e exatamente vinte anos mais



novo do que Wagner e Verdi

.
Muito complexa é a
personalidade de Brahms na
combinação da alma
germânica com a alma
austríaca.

De fato, poucos compositores
apresentam um dualismo tão
marcante : ao lado da
ambição das grandes
estruturas, um aspecto quase
de resignação elegíaca; ao
lado da complexidade
contrapontística uma

extraordinária ternura
afetuosa e suave, ao lado da
seriedade hamburguesa e da
herança da grande escola
organística nórdica o gosto
pela fácil diversão, o amor
pelo folclore e pela valsa
vienense, a cujo respeito
invejava nobremente a
franqueza comunicativa de
Johann Strauss. Mas os dois
elementos mais importantes
na formação brahmiana são
o culto da forma e a
aplicação artesanal que lhe

faz dizer serem as suas obras resultado de muito suor.

Brahms afasta já o entusiasmo e a paixão dos românticos para se refugiar na contemplação solitária da natureza, e para lutar pela restauração da forma, periclitante depois dos conceitos wagnerianos da melodia infinita. Pôr isto foi ele considerado um neoclássico, definição totalmente inaceitável, mesmo que os seus ideais

formais se reportem a Mozart e Beethoven. Toda a sua obra é imbuída de nostalgias, como de um romantismo visto através das cortinas do tempo ; e toda a sua obra é polêmica em oposição a escola germânica romântica de Wagner e Lizst. Todavia nem para ele passou inutilmente o cromatismo wagneriano, nem a intensidade das partes internas da harmonia , nem aquela divina prolixidade

germânica que Wagner louva em seu livro, que tocou de leve Mozart e mais fortemente Schubert. Pôr todos esses dados de duplicidade d"alma e de herança lingüística , Brahms pode ser considerado a extrema síntese da arte alemã .

A audição de Brahms não é fácil, longe como ele está daquela clareza cartesiana que fez com que os franceses levassem muito

tempo para aceitá-lo : ele impõe uma extraordinária concentração, quase uma visão de olhos fechados ao encontro das memórias. Digo isto, porque – estamos na divina prolixidade – vamos ouvir agora dois concertos de enormes proporções. São dois concertos em que a música parece abandonar as imediatas intuições da poesia para se difundir num processo de prosa lírica: um

processo de evocações e memórias que fez com que alguém aproximasse Brahms do Proust a procura do tempo perdido. Isto é valorizado pelo especial amor de Brahms pelos instrumentos menos pungentes e mais evocativos tais como o clarinete, a viola e a trompa ricos daqueles harmônicos que são justamente a memória do som fundamental. Como nas prosas dos memorialistas, as

frases musicais são longas e entrecortadas : não períodos analíticos, mas sintéticos, isto é, ricos de orações dependentes como a própria língua alemã.

O primeiro concerto que ouviremos é o primeiro dos dois concertos ^{para} ^{piano} que Brahms nos deixou, na tonalidade de Re Menor opus 15. O número do opus diz justamente que ele pertence à primeira fase compositiva de Brahms tendo sido esboçado no ano

de 1854, isto é , quando Brahms contava 21 anos de idade: um ano após o famoso artigo com que Schumann em sua gazeta musical o apontava ao mundo como um novo gênio musical. Era uma das primeiras experiências orquestrais do compositor, eterno insatisfeito com sua obra: de fato , pouco após tentou os caminhos da sinfonia e os interrompeu julgando-se ainda impreparado para a escrita

orquestral. O público de então compartilhou das dúvidas de Brahms, mas o tempo valorizou o entusiasmo juvenil dessa obra e a sua extraordinária riqueza temática. Acontece que o público já estava acostumado com concertos mais sintéticos, como os de Mendelssohn desprovidos das grandes introduções orquestrais, as quais Brahms voltava nos moldes ampliados de Mozart e Beethoven.

Vamos nos concentrar então para ouvir os cinqüenta minutos dessa fascinante obra na interpretação do pianista Gerhard Oppitz com a Orquestra Sinfônica da Rádio da Bavaria regida pôr Sir Colin Davis. A estréia deu-se sendo solista o próprio Brahms.

Música

Piano concerto opus 15

Disco : 01

Faixas : 01 a 03 Duração:
5^o m.

Bem posterior é o único concerto de violino de Brahms, esboçado em 1878 no amado refúgio de Pörtschak no Wörtrsee na Caríngia. Dessa vez também Brahms parecia insatisfeito com sua obra, escrevendo a Clara Schumann haver terminado uma composição anti-musical . Ao mesmo

tempo submetia a partitura a um julgamento do seu amigo Joseph Joachim o maior violinista daquele tempo, implorando que verificasse se o violinismo era exequível, se havia falhas ou defeitos. O concerto evita toda a concessão à fácil virtuosidade, integra o violino na textura orquestral e no primeiro e segundo andamento tem uma cor sombria como aqueles dias de chuva que Brahms tanto

amava contemplar pelas janelas do seu refúgio de Pörtschak. O último andamento, em homenagem a Joachim é brilhante e de atmosfera húngarica, parafolclórica e comunicativa.

O concerto foi estreado em 1879 em Leipsig, sendo solista o próprio Joachim e sob a regência de Brahms mas, como diz Brahms na sua carta a Clara Schumann apenas poucas pessoas

aplaudiram friamente .

Brahms, insatisfeito também com algumas modificações feitas pôr Joachim na parte de violino pensou até em destruir esse concerto que hoje é considerado o rei dos concertos violinísticos.

Felizmente não realizou seus propósitos e a partitura foi editada pouco tempo depois. Apesar da intenção original de Brahms de acrescentar um quarto andamento como scherzo, coisa que realizará

depois num segundo concerto de piano, esse concerto é redigido nos três andamentos tradicionais, colocando-se a sua composição entre a primeira e segunda sinfonia e o segundo concerto de piano. Mais um processo de concentração e vamos ouvir o concerto de Brahms em Re Maior opus 77 para violino e orquestra com o violinista Arthur Grumiaux e a Orquestra Nova Filarmonia

de Londres regida pôr Sir
Colin Davis.

Música

Concerto p/ violino opus 77

Disco : 02

Faixas : 01 a 03

Duração : 39 m.

Ópera

VERDI 'AIDA''

01= “Se quel guerrieri fossi

...

Pavarotti

Disco:03 CD: 01

Faixa:10 DuraçãoL:04:23”

02=”Marcha e coro triunfal e danças”

Coro e orquestra da
Academia de Sta Cecília de
Roma regidos pôr Alberto
Erede.

Disco: 04 Lado:01

Ad Libitum